

## O CONGRESSO DO ANO DA DESGRAÇA, POR SEU CRONISTA OFICIAL

Francisco David Botelho Linhares

Durante a década de 1940, alguns escritores cearenses, muitos deles atuando em Fortaleza, propuseram e conseguiram realizar na capital do Ceará congressos, onde estes debatiam sobre seus trabalhos – às vezes com leituras de suas obras –, sobre o meio literário no estado, no país e no mundo, além do papel do escritor durante um período tão conturbado quanto os anos 1940, com destaque para três congressos: I Congresso de Poesia do Ceará (1942); I Congresso Cearense de Escritores (1946) e II Congresso de Poesia do Ceará (1948). Cada um deles possuía sua peculiaridade, sendo o congresso de 1946, aquele com discussões mais amplas e com preocupações mais sérias. No entanto, a semente, nos dizeres de Fran Martins<sup>1</sup>, ou seja, o congresso de 1942, abriu vários caminhos para a literatura no Ceará de então, não só possibilitando a realização dos seguintes com suas abordagens e a preocupação com a divulgação das obras locais, mas também a formação do grupo que em seguida ficou conhecido como Grupo Clã<sup>2</sup>.

Muito alardeado em meados de 1942 por alguns jornais fortalezenses, como *Gazeta de Notícias* e *Correio do Ceará*, o I Congresso de Poesia do Ceará, cuja ideia é atribuída a Antônio Girão Barroso, contou com a participação de contistas, poetas, críticos e artistas plásticos, e teve como base o I Congresso de Poesia de Recife, acontecido cerca de um ano antes (e que revelou o trabalho de João Cabral de Melo Neto) e seu processo de elaboração ficou registrado nas Crônicas Preparatórias para o I Congresso de Poesia, escritas pelo crítico e poeta Aluízio Medeiros, sendo mais tarde publicadas na revista *Clã*, número 28, de 1982.

<sup>1</sup> Fran Martins, em *A semente*, Revista *Clã* nº 28, dezembro de 1982.

<sup>2</sup> “De acordo com o Artigo 9º de seus Estatutos, do dia 24 de março de 1964, foram considerados fundadores do Grupo Clã: Aluízio Medeiros, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, José Stênio Lopes, Lúcia Fernandes Martins, Milton Dias, Moreira Campos, Mozart Soriano Aderaldo e Otacílio Colares.” Devia ser incluído também o nome de Joaquim Alves, esquecido “inexplicavelmente”. AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

Aluizio Medeiros nasceu em 1918<sup>3</sup>, na cidade de Fortaleza, onde formou-se em Direito pela Faculdade do Ceará, em 1944. Participou do I Congresso de Poesia de Recife, com o trabalho Triângulo de Poesia, com Antônio Girão Barroso e Otacílio Colares, do I e II Congressos de Poesia do Ceará e do II Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte, em 1947. Foi membro criador da Revista Clã, sendo um dos diretores do número 0, sendo presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) – seção Ceará, em 1948. Escreveu dentre outras, as obras *Trágico Amanhecer*, de 1941, *Mundo Evanescente*, de 1944, *Os Hóspedes* (em parceria com Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides), de 1946, *Os Objetos*, de 1948, *Latifúndio Devorante*, de 1949, *Crítica – 1ª série*, de 1954 e *Crítica – 2ª série*, de 1956. Aluizio Medeiros morreu no Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1971.

Autor de alguns poemas de caráter social, Aluizio Medeiros ficou encarregado de escrever acerca das reuniões preparatórias – ocorridas em “uma sala tumular” “sob os olhares assustados de graves retratos de mortos de cem anos atrás”<sup>4</sup> no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará entre os meses de maio e julho de 1942 - que moldariam o vindouro Congresso de Poesia do Ceará. Em suas oito crônicas permeadas de certo humor e ironias, Aluizio apresenta as ideias, questionamentos e propostas a serem encaradas e debatidas durante o congresso por aqueles que ali estavam presentes.

Antes de mais nada, vale ser ressaltado o modo que esses intelectuais são apresentados nas crônicas é algo que chama a atenção de quem as lê, pois Aluizio os denomina por meio de apelidos, por exemplo, Antonio Girão Barroso é o professor de poesia, Otacílio Colares é o poeta, Artur Eduardo Benevides e Eduardo Campos são os teatrólogos, Antonio Bandeira e Mario Baratta são os pintores, João Clímaco Bezerra é o folclorista, Mario Sobreira de Andrade é o nortista, dentre outros<sup>5</sup>. Deste modo,

<sup>3</sup> De acordo com Sânzio de Azevedo e F. Silva Nobre, Medeiros nasceu em 16 de novembro de 1918; a revista Clã nº 2, no entanto a data é 16 de janeiro de 1918.

<sup>4</sup> MEDEIROS, Aluizio. *Crônicas das reuniões preparatórias do 1º Congresso de Poesia do Ceará*. In: *Revista Clã*, número 28. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, dezembro de 1982, p.15.

<sup>5</sup> MEDEIROS, Aluizio. *loc. cit.*

é através dos apelidos que o auto-intitulado cronista oficial apresenta o futuro congresso como um ambiente de desenvolvimento para as letras e artes em geral no Ceará do período, pois ali estarão pessoas de estilos, gêneros, ideias e atitudes diferentes. Na terceira reunião preparatória, inclusive, Medeiros escreve que aquele “salão de tendências misturadas parece o Brasil”<sup>6</sup> e assim, desejava o cronista, devia ser o congresso: uma reunião de vários pensamentos e correntes, mas que se mostrassem unidos a favor de algo em comum, preocupados com o meio artístico e social da época.

Durante a década de 1940, a nova geração de artistas que atuavam no Ceará, de acordo com seus textos e debates<sup>7</sup>, buscavam espaço e maior visibilidade no campo artístico cearense do período, suas preocupações voltavam-se para as dificuldades de se publicar no estado, para a possibilidade de que seus trabalhos garantissem um local nas livrarias, nos teatros e nas galerias e mesmo para um incentivo que permitisse o aprimoramento de suas obras futuras. Tais preocupações estiveram em pauta tanto nas reuniões preparatórias para o I Congresso de Poesia, quanto no congresso em si, logo, para que as reivindicações dessa nova geração recebesse maior atenção, a participação de escritores já conhecidos como Mário Sobreira de Andrade e Filgueiras Lima, além do apoio de instituições como o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, a Associação Cearense de Imprensa e a Academia de Letras do Ceará seriam necessárias para que tal congresso com suas propostas conseguisse a devida credibilidade.

Apesar de ter poesia em sua denominação, o Congresso propunha uma argumentação artística mais ampla, portanto, para se discutir as artes cearenses do período, foram idealizadas comissões que fossem encarregadas de cada uma delas (poesia, cinema, romance, folclore, música, crítica e teatro), com teses que as problematizasse e debates tratando dos seus devidos desenvolvimentos no Ceará. Assim, a questão primordial estava na defesa dos novos trabalhos artísticos a ser lançados no estado.

Ainda nos primeiros anos da década de 1940, a revista *Valor*, publicada por Antônio Martins Filho (a quem Aluízio Medeiros chama de

<sup>6</sup> Outras referências ao Brasil são feitas nas crônicas, como a contagem dos anos a partir da independência e da proclamação da república (121º ano da independência e 54º da república).

<sup>7</sup> Que culminaria em várias discussões do I Congresso Cearense de Escritores, em 1946.

“o protetor de todos nós sem nenhum nome”<sup>8</sup>), informa que esta pretendia “estimular os que carecem de estímulo, orientar os que necessitam de orientação, difundir o que precisa ser difundido. É uma publicação do Ceará para o Brasil e tem uma grande finalidade: reconhecer os valores”<sup>9</sup>, portanto, antes da realização do I Congresso de Poesia, os escritores cearenses já procuravam algum apoio para suas obras. Antônio Girão Barroso, por exemplo, conseguiu publicar na revista de Martins Filho e o professor de poesia se alegrou ao saber que Martins Filho daria destaque ao Congresso de Poesia em um número de *Valor*. Artistas plásticos também procuravam um meio que lhes pudesse comportar seus talentos inconformados<sup>10</sup> como, um apoio na divulgação de suas obras a partir do Centro Cultural de Belas-Artes, criado por Mário Baratta.

No entanto, pode-se destacar, no que se refere aos escritores, que os anos 1940 foram um período de grande desenvolvimento do mercado literário brasileiro e intelectuais cearenses, como Martins Filho, questionavam o meio literário do Ceará, ressaltando que este não possibilitava o acesso de novos escritores no mercado e que aqueles trabalhos, de algum modo, publicados no estado não tinham recebido a devida visibilidade por parte da sociedade cearense. Faltava-lhes espaço para a geração que surgia.

Durante o fim da década de 1930 e, sobretudo, o início da década de 1940, o Brasil vivenciou um “boom” no mercado livreiro e, de acordo com Sérgio Miceli, nesse período, o mercado do livro no país passou por várias transformações que “acabaram afetando a própria atividade intelectual” (MICELI, 2001, p. 148), com novas técnicas de impressão, acabamento, ilustração e estratégias de vendas visando um público que, à época, estava se familiarizando e usufruindo dos avanços de novos gêneros de origem estrangeira, principalmente norte-americana, como os romances de aventuras e policiais, além daqueles destinados às moças. Assim, apesar de vários escritores brasileiros terem espaço nesse mercado, com destaque para

<sup>8</sup> MEDEIROS, Aluizio. *Crônicas das reuniões preparatórias do 1º Congresso de Poesia do Ceará*. In: *Revista Clã*, número 28. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, dezembro de 1982, p. 20.

<sup>9</sup> MARTINS FILHO, Antônio. *Memória histórica: Personalidade do Povo*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1991, p.78.

<sup>10</sup> MEDEIROS, Aluizio. *Crítica - 2ª Série (1946 - 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956, p.20.

aqueles que já haviam conquistado seu lugar com publicações de sucesso na década de 1930 - como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Orígenes Lessa - e as publicações de obras nacionais serem maiores que as obras estrangeiras, o mercado de livros no Brasil era dominado pelo estilo estrangeiro de literatura, pois percebendo que as histórias vindas da Inglaterra, Estados Unidos e França alcançavam um grande público leitor, as editores decidiram traduzir diversos livros de outros países e nomes com Maurice Dekobra, A. J. Cronin e Louis Bromfield passaram a aparecer com frequência nas seções de literatura de diversos jornais (como *Gazeta de Notícias*, *Unitário* e *O Povo*, em Fortaleza) e vários autores brasileiros decidiram imitar esse novo estilo, mesmo que as obras de fora vendessem mais.

A partir de 1942, o que se vê nas páginas dos jornais fortalezenses é um aumento de textos referentes a trabalhos literários estrangeiros traduzidos. O espaço destinado à literatura nos periódicos passou a ser mais concorrido com a presença de livros que tratavam dos eventos da Segunda Guerra Mundial e do poder da democracia (estadunidense, impulsionada pela Política da Boa Vizinhança) que buscava encerrá-la, deixando assim os novos escritores do Ceará relegados em suas colunas literárias.

De acordo com Lawrence Hallewell, a Segunda Guerra realmente foi um fator a ser considerado ao se tratar da divulgação e venda de livros no Brasil durante os anos 1940. Segundo ele

Houve diversas razões para essa ênfase nos autores estrangeiros, na década de 40, em detrimento dos nacionais. A guerra, é evidente, deslocou a atenção do público de sua preocupação com os acontecimentos nacionais, que caracterizara os anos 30. As dificuldades de transporte marítimo durante a guerra estimularam a José Olympio e as demais editoras a publicar versões em português de obras que, em condições normais, teriam sido importadas em suas edições originais europeias ou norte-americanas. Ao mesmo tempo, a grande onda literária da década anterior começara a refluir, em grande medida devido à crescente esterilidade da vida cultural da nação sob o Estado Novo, que então atravessava seu mais violento período de repressão (1939 - 1942). (HALLEWELL, 1985, p. 374).

Do mesmo modo que havia transformado o mercado de livros do Brasil, a guerra mexeu realmente com o país quando esta por aqui chegou ao ano de 1942 (que passou a ser chamado de “ano da desgraça” por Aluísio Medeiros após um submarino alemão ter atacado um navio brasileiro. E os efeitos desse ataque atingiram também o I Congresso de Poesia do Ceará.

No entanto, em meio ao burburinho da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, após a oitava reunião e entre muita expectativa, ocorreu a sessão inaugural do I Congresso de Poesia do Ceará, em 01 de agosto de 1942, no Theatro José de Alencar. Todavia, antes mesmo da realização dessa sessão, muitas críticas estavam sendo feitas ao congresso, a mais forte delas vindo do Crato, quando, por lá, foi proposto o Congresso sem Poesia, pois para esses críticos, dentre os quais Stênio Lopes, um momento como aquele, assombrado pela guerra, não pedia poesias, mas ações. Segundo Aluísio Medeiros, os congressistas de poesia haviam enfrentado “a odiosa enxurrada de ataques que vinham daqueles que procuravam fazer blague com o Congresso”, tendo assim que “trabalhar num ambiente de franca hostilidade.”<sup>11</sup> Portanto, com a ameaça da guerra já sentida durante as preparações, o Congresso de Poesia, ganhou um caráter político e mais engajado, discutindo o papel do intelectual e das artes na sociedade e sua ação diante de um mundo em destruição, como é dito no manifesto do congresso, escrito por Mário Sobreira de Andrade<sup>12</sup>. Assim, segundo o cronista oficial, em um texto escrito em 1948<sup>13</sup>,

o Congresso foi uma luta aberta, heroica e sem tréguas, luta digna de nós mesmos que desejávamos afirmar, marcar a nossa presença numa época que não permitia vacilações criminosas, que não comportava a irresponsabilidade do silêncio. A guerra chegava aos mais distantes recantos do mundo, repercutia no mais íntimo dos homens, pois estavam em jogo princípios fundamentais da condição humana, já conquistados uns, outros em vias de ser alcançados no combate de milênios de todos os povos. A guerra estava aqui mesmo. Estava dentro de nós. Não podíamos portanto ficar indiferentes, cada um pensando em si mesmo, nos seus

<sup>11</sup> MEDEIROS, Aluísio. *Crítica - 2ª Série (1946 - 1948)*. Fortaleza: Edições Clá, 1956, p.43.

<sup>12</sup> Id., *Ibid.*, p. 47.

<sup>13</sup> Id., *Ibid.*, p. 42. O texto trata-se de um discurso pronunciado por Medeiros na sessão de instalação do II Congresso de Poesia do Ceará, em setembro de 1948.

problemazinhos, fazendo soliloquios infrutíferos, porque os ventos estavam carregados de gritos extertorantes, de imprecações dolorosas, de lancinantes exclamações, os ventos traxiam o pavor da guerra. Tínhamos que auxiliar a luta que se desenrolava sangrenta contra o amordaçamento das liberdades... da liberdade criadora, da poesia. Como poderíamos contribuir nós – intelectuais – , nós – poetas –, se não confirmando a supremacia da inteligência sôbre a brutalidade da fôrça, se não mostrando a pujante vitalidade da poesia num mundo que morria? A simples realização do Congresso, o livre debate dos problemas da poesia, já representavam decisivos passos nos caminhos das nossas definições e até mesmo das nossas soluções em íntima correspondência com o coletivo que estava a inundar a alma de todos nós. [...] O Congresso era uma afirmação de luta contra todas as formas de gestapo, contra as “culturas” de campo de concentração, contra o arbítrio, a violência e a opressão.

O poder de engajamento do escritor e o papel da poesia e da arte em geral, de acordo com Aluízio Medeiros, contra a situação desoladora do mundo faz eco ao trecho de uma carta de Mário de Andrade lida por Antônio Girão Barroso durante a segunda reunião preparatória para o congresso e registrado por Medeiros em suas crônicas<sup>14</sup>. Segundo o cronista, Mário de Andrade, ao tratar do I Congresso de Poesia do Ceará, teria escrito que

“é preciso, pra que haja verdadeira poesia, que essa verdade ultrapasse a verdade do poeta, a verdade individual, e tenha valor humano, valor que interesse à coletividade em conjunto ou cada um dos seus indivíduos; verdade que sirva, de qualquer forma, de iluminação, de deslumbramento, de descobrimento”.

O papel do intelectual engajado e sua obra ainda permearia Aluízio Medeiros e seus colegas, sendo um tema fundamental nos congressos vindouros. Porém, apesar de todos os esforços para a realização de um evento grandioso, o I Congresso de Poesia do Ceará foi perdendo seu brilho com o passar do mês de agosto, com a crescente falta de interesses de seus congressistas e dos protestos em Fortaleza a favor da participação do

<sup>14</sup> MEDEIROS, Aluízio. *Crônicas das reuniões preparatórias do 1º Congresso de Poesia do Ceará*. In: *Revista Clã*, número 28. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, dezembro de 1982, p. 18.

Brasil na guerra e nem ao menos chegou a ser devidamente encerrado. E, por mais que o desalento tenha tomado conta de Aluízio (a quem apenas uma sessão do congresso foi de agrado) e de outros congressistas, ele não foi um completo fracasso.

Acerca da sessão inaugural do I Congresso de Poesia, Aluízio Me-deiros escreveu que ela “foi uma sessão que me deixou encabulado e meio decepcionado, pois ela não foi diferente em nada às muitas sessões literá-rias realizadas em Fortaleza. Mas nem por isso desanimei. O Congresso mesmo era depois dali.”<sup>15</sup> E assim, algum tempo depois da sessão de aber-tura, os efeitos do congresso surgiram e desenvolveram-se com a criação da Edições Clã, em 1943, da Associação Brasileira de Escritores – Seção Ceará, também em 1943, da realização do I Congresso Cearense de Escri-tores e do lançamento do número experimental da Revista Clã em 1946 e da produção do II Congresso de Poesia do Ceará e o número 1 da Clã, em 1948. Enfim, a partir dele deu-se a definitiva implantação do Modernismo no Ceará.<sup>16</sup>

## Referências

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza: Ro-teiro para um turismo histórico e cultural**. Volume I. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura cearense**. Fortaleza: Academia Cearen-se de Letras, 1976.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985.

MARTINS FILHO, Antônio. **Memória histórica: Personalidade do Povo**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1991.

MEDEIROS, Aluízio. **Critica – 2ª Série (1946 – 1948)**. Fortaleza: Edições Clã, 1956.

---

<sup>15</sup> MEDEIROS, Aluízio. *Critica – 2ª Série (1946 – 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956, p.45.

<sup>16</sup> AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p.427.



\_\_\_\_\_. Crônicas das reuniões preparatórias do 1º Congresso de Poesia do Ceará. In: **Revista Clã**, número 28. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, dezembro de 1982.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. **Clã: Trajetória do modernismo em revista**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

NETTO, Raymundo. **Centro: o “coração” malandro**. Fortaleza: Secultfor, 2014.